

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CCE – Coordenação Central de Extensão
Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais
Prof^{as}: Rosália Duarte, Rita Leal, Ilana Eleá
Discente: Marcela de Cairo Mello
marcelacairo@gmail.com
Resumo 03 - abril/ 2008.1
RESENHA CRÍTICA¹

SILVERSTONE, Roger. *A Textura da Experiência*. In POR QUE ESTUDAR A MÍDIA? Ed. Loyola. São Paulo, 2002, cap 1, p.11-32.

“É possível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência. Posso notar as horas que o cidadão global passa em frente da televisão, ao lado do rádio, folheando jornais e, cada vez mais surfando na internet.” Tendo como referência apenas esse breve parágrafo do texto, já temos uma resposta para a pergunta feita logo no início do texto “Por que estudar mídia?” É preciso estudar mídia porque ela está impregnada no nosso dia a dia, porque mesmo não percebendo bebemos de sua fonte quase que involuntariamente e para isso, precisamos estar preparados para transformar “toda essa quantidade que nos é oferecida em qualidade”. Precisamos estudá-la, para que possamos usar a mídia a nosso favor, para que possamos nos apropriar do que ela tem melhor. Eu particularmente acredito que mídia, sempre tem algo de positivo a nos passar, seja ela qual for. Cabe ao receptor estar munido do seu poder de reflexão e reelaborar todas as mensagens que lhe são passadas.

“Marshall McLuhan vê a mídia como extensões do homem, como próteses, que aumentam o poder e a influência, mas que talvez (e é provável que ele tenha pensado assim) tanto nos incapacitam como nos capacitam, enquanto nós, objetos e sujeitos da mídia, nos enredamos mais a mais no profílicamente social.” Concordo com Marshall quando cita que a mídia tanto nos capacita como incapacita, mais a frente em um outro capítulo Silverstone ainda complementa essa questão falando que a mídia tem claro dois gumes, onde atrai a negação e também encoraja o engajamento. Essa questão me faz pensar sobre o poder de mobilização da mídia, sobre a capacidade de influenciar e manipular idéias. Ainda tratando do poder de engajamento, de mobilização, há um fato político importante na história política do nosso país, que acredito eu, que tenha ocorrido principalmente por influência da mídia, que foi a passeata dos “cara pintadas”. Na ocasião, a mídia convocou a população para sair às ruas e tirar o então presidente Collor do poder.

É praticamente impossível falar de mídia, sem falar das instituições, nesse texto, o autor trata dessa questão. “O poder das instituições, o poder de controlar as dimensões produtivas e distributivas da mídia contemporânea e a debilitação correlativa e progressiva de governos nacionais em controlar o fluxo de palavras, imagens e dados dentro de suas fronteiras nacionais são profundamente significantes e indiscutíveis. É um traço fundamental da cultura da mídia contemporânea.”. Ao tratar disso,

¹ O texto se configura como parte da terceira atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais, turma 2008.1.

imediatamente me vem a cabeça uma outra palavra que apesar de já um tanto desgastada não pode deixar de ser mencionada que é a globalização. A globalização se fez possível através da mídia, e a manutenção e atualização dessa globalização também é feita via mídia. Há tempos atrás poderíamos perceber traços regionais nas roupas e na alimentação das pessoas, por exemplo. Hoje em dia isso se torna mais difícil, e eu acredito que isso se deve principalmente devido a influência da mídia. Esteja você em Curitiba, no Rio de Janeiro ou em Natal, as pessoas de forma geral estarão vestidas todas de acordo com uma determinada moda (muitas vezes a que está sendo usada pela personagem principal da novela das oito da Globo) e comendo na praça de alimentação de um shopping no mesmo restaurante. A mídia colabora para que o regionalismo se enfraqueça frente ao capitalismo.

“A mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro. Do rádio para o jornal, para o telefone. Da televisão para o aparelho de som, para a Internet. Em público e privadamente, sozinhos e com os outros.” Nesse parágrafo o autor retorna a um assunto bastante trabalhado em nossas aulas (o diário de mídia é um exemplo disso), que é o fato da mídia estar presente constantemente em nossas vidas. Estamos tão acostumados a isso que muitas vezes por hábito mantemos o aparelho da TV ligado, estando em um jantar com amigos falando sobre um assunto x, ainda assim é muito comum nos depararmos com a televisão ligada no mesmo ambiente tratando de um assunto y. Outro hábito muito comum são pessoas que só adormecem com a televisão ligada, independente do que esteja sendo transmitido.

“A mídia depende do senso comum. Ela o reproduz, recorre a ele, mas também o explora e o distorce. Com efeito, sua falta de singularidade fornece o material para as controvérsias e os assombros diários, quando somos forçados – em grande medida pela mídia e, cada vez mais, talvez apenas pela mídia – a ver, a encarar os sentidos comuns e as culturas comuns dos outros. O medo da diferença”. Esse trecho do texto me faz refletir sobre algumas questões, concordo quando é falado que a mídia depende do senso comum, e isso é muito delicado, pois nem sempre o senso comum está correto, um exemplo emblemático disso é o caso da Escola Base, onde o senso comum julgou e tirou conclusões sobre um determinado caso e a mídia se preocupou apenas em reforçar uma conclusão precipitada. Tempos depois, foi chegada a conclusão que as pessoas que a mídia “vendeu” como criminosos, eram inocentes. Talvez se formos mais a fundo e pensarmos que a mídia reproduz sim o senso comum, podemos entender tantas notícias violentas nos noticiários, por exemplo. É muito comum você ouvir pessoas comentarem que só há desgraças nos telejornais, mas no fundo eles estão ali sendo noticiados porque as pessoas em sua maioria, apesar de num primeiro momento se sentirem desconfortáveis com notícias violentas, se interessam por esses temas.

Mais adiante no texto, o autor ainda trata de um assunto mais delicado ainda, a psicanálise. Para ele, “A psicanálise é um grande problema de várias maneiras. Ela oferece, talvez bastante à força, uma maneira de abordar o perturbador e o não-racional. Ela nos força a encarar a fantasia, o misterioso, o desejo, a perversão, a obsessão: os chamados problemas do cotidiano, que tanto são representados como reprimidos em textos midiáticos de um tipo ou de outro e esgarçam o delicado tecido do que normalmente se considera racional e normal na sociedade moderna. . Silverstone ainda explica como o público e o privado se entrelaçam, dando como exemplo o fato de vidas privadas de figuras públicas torna-se a matéria da novela diária; e os atores que representam personagens de novela tornam-se figuras públicas solicitadas a construir uma vida privada para consumo público. Daí explica-se o enorme sucesso de revistas como “Caras”.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.